



Instituto de
HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Dominique Neves Pereira

Rede Social Informal e Solidariedade: Medéia e o coro de mulheres
coríntias na tragédia de Eurípedes (Atenas, século V a. C.)

Rio de Janeiro

2019

Dominique Neves Pereira

Rede Social Informal e Solidariedade: Medéia e o coro de mulheres
coríntias na tragédia de Eurípedes (Atenas, século V a. C.)

Trabalho de monografia apresentado ao
Instituto de História/UFRJ como
requisito para obtenção de grau de
bacharel em História.

Orientadora: Marta Mega de Andrade
Doutora em História Social pela Universidade
de São Paulo.

Rio de Janeiro

2019

Rede Social Informal e Solidariedade: Medéia e o coro de mulheres
coríntias na tragédia de Eurípedes (Atenas, século V a. C.)

Dominique Neves Pereira

Monografia submetida ao corpo docente do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel.

Aprovada por:

Prof^a. Dr^a. Marta Mega de Andrade (Orientadora)

Prof^o. Dr^o. André Leonardo Chevitarese (Instituto de História da UFRJ)

Prof^o. Dr^o. Fábio de Souza Lessa (Instituto de História da UFRJ)

Rio de Janeiro

2019

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Adriana e Dionas, por todo o esforço e confiança que eles me proporcionaram para que meu sonho de me formar em História tivesse êxito. Sem o apoio deles minha trajetória na UFRJ nunca seria possível. Também gostaria de agradecer ao acesso à educação pública de qualidade, que permitiu que eu e muitos outros jovens do interior do Estado do Rio de Janeiro e de outros estados do Brasil ingressássemos em Universidades que anteriormente não nos eram possíveis. Desejo que muitos outros tenham a mesma oportunidade que tive e que a educação pública seja protegida e zelada mesmo nos momentos difíceis que nosso país atravessa atualmente.

Também demonstro minha profunda gratidão à minha orientadora Marta Mega de Andrade e todos os participantes do laboratório HHAG, por oferecerem um lugar não apenas de conhecimento e debates importantíssimos para minha formação acadêmica, mas também um lugar de apoio e de compreensão. Gostaria de agradecer também a meu parceiro André Vargas, por toda a paciência e amor nessa jornada que compartilhamos e por ser minha fortaleza durante os momentos mais complicados. Não há palavras suficientes para descrever o quanto sou grata por seu apoio incondicional e por poder dividir as coisas boas e más da vida ao seu lado. Também quero agradecer grandemente pelos amigos de vida que encontrei no IH e que faço questão de nomeá-los: Gabrielly Soares, Márcio Oliveira, Marcelo Silva, Gabriel Miranda e Jéssica Oliveira.

Por fim, gostaria de agradecer também a minha irmã de alma, Giuliana Montanari. Nós passamos por períodos extremamente complicados durante a faculdade, mas nos encontramos em meio à escuridão. Toda a minha gratidão por segurar minha mão no momento que eu mais precisava e por ser essa pessoa fantástica; nós estaremos juntas na vida e na academia por muitos e muitos anos.

RESUMO

PEREIRA, Dominique Neves. **Rede Social Informal e Solidariedade: Medéia e o coro de mulheres coríntias na tragédia de Eurípedes (Atenas, século V a. C.).**

Orientadora: Marta Mega de Andrade. Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de História; 2019. Monografia (Bacharelado em História).

A tragédia *Medéia* de Eurípedes, apresentada pela primeira vez no século V a. C em Atenas, é uma das mais reconhecidas atualmente, com a produção de estudos de diversas áreas que se debruçam sobre as questões apresentadas nesta tragédia. Esta pesquisa tem o enfoque na área de História das mulheres e tem como objetivo analisar a relação desenvolvida entre Medeia e as mulheres coríntias ao longo da peça, buscando compreender por quais elementos estas personagens se aproximam e se afastam. Para isto, será realizado um debate sobre a possibilidade de formação de redes sociais informais e a condição das mulheres no período clássico ateniense.

Palavras-chave: História da Mulheres; *Medéia*; Rede Social Informal.

ABSTRACT

PEREIRA, Dominique Neves. **Rede Social Informal e Solidariedade: Medéia e o coro de mulheres coríntias na tragédia de Eurípedes (Atenas, século V a. C.).**

Orientadora: Marta Mega de Andrade. Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de História; 2019. Monografia (Bacharelado em História).

The tragedy *Medea*, written by Euripides and presented for the first time in the 5th century B.C. in Athens, is one of the most recognised plays of the current times, due to studies in diverse areas which are dedicated to questions presented in the tragedy. This work has its emphasis on the *Women's Studies* area and its objective is analyse the relationship developed by Medea and the Corinthian women during the play, aiming to comprehend the elements by the which these characters approximate and deviate. For this, it will debate the possibility of formation of informal social nets and the condition of women in the athenian classic period.

Keywords: Women's Studies; *Medea*; Informal Social Net.

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1: História das Mulheres e a Antiguidade Grega.....	4
Capítulo 2: Rede Social Informal e Solidariedade em Medéia	17
Conclusão	32
Referências.....	35
Fonte.....	35

Introdução

A tragédia *Medéia* de Eurípedes foi apresentada pela primeira vez no teatro ateniense em 431 a.C, em um contexto de uma Atenas Clássica democrática. A trama, reconhecida até hoje e muito revisitada, gira em torno da vingança contra a traição do marido por aquela que dá nome a tragédia. Jasão, o marido, decide por formar uma nova e mais benéfica casa com a princesa de Corinto, fazendo com que Medéia planeje e execute a morte dos próprios filhos e também da nova noiva. O infanticídio cometido por Medéia em nome da punição de Jasão é um dos elementos mais chocantes da tragédia e, ainda para muitos leitores, corrobora a visão de Eurípedes como aquele que expõe as personagens femininas como seres terríveis e capazes de atos vis como matar os próprios filhos. A identificação de uma misoginia em Eurípedes foi enunciada em sua própria época pelo comediógrafo Aristófanes. Na comédia *Thesmophórias*, por exemplo, as atenienses o condenam à morte por caluniar as mulheres em suas peças teatrais.

Alguns críticos literários, mesmo nos dias atuais, ainda enfrentam problemas ao lidar com o infanticídio em *Medéia* e julgam a personagem principal como esse ser abominável criado pelo tragediógrafo. Contudo, podemos ressaltar que essa característica de Eurípedes como misógino permaneceu até que:

[...]feministas do final do século dezenove e início do século vinte instituírem *Medéia* de Eurípedes como um texto canônico; manifestações feministas na Inglaterra e nos Estados Unidos da América frequentemente eram iniciadas com leituras dos discursos de *Medéia*.¹

O texto passou a ser interpretado como um louvor à ação feminina e o rompimento com a condição de submissão das mulheres ao patriarcado. Estas maneiras rasas de interpretar a tragédia, além de extremamente anacrônicas, não nos fornecem nenhuma investigação confiável sobre a condição das mulheres atenienses no período clássico. Considerar Eurípedes como um feminista faz com que diversas questões sobre o feminino na antiguidade se tornem invisíveis frente à ideia que se coloca de uma dominação masculina que atravessa milênios e que nos atinge da mesma forma ainda hoje enquanto grupo de mulheres.

Assim, esta pesquisa se propõe a analisar *Medéia* por meio de estudos do já consolidado campo de História das Mulheres, buscando mais especificamente

¹ZELENAK, Michael X. *Gender and Politics in Greek Tragedy*. New York: Peter Lang, 1998. p. 100.

compreender e discutir a formação de uma rede social informal de solidariedade entre a personagem principal e as mulheres que fazem parte do coro. O objetivo é justamente analisar por quais meios essa relação se forma e se fortalece ao longo da tragédia, quais características as aproximam e quais as afastam. As condições e o *status* das mulheres no período clássico ateniense permeiam todas essas questões levantadas e são extremamente importantes para o desenvolvimento desta pesquisa, que se encontra dividida por dois segmentos.

No primeiro capítulo, é realizada uma análise sobre o campo de História das Mulheres e sua relação com os estudos da antiguidade. É proposta uma observação a respeito da formação do campo, sua conexão com o movimento social das mulheres e como estas questões estão interligadas quando nos debruçamos sobre a História das Mulheres. Essa abordagem se inicia na década de 1970, explorando como se deu o início do questionamento do lugar das mulheres na História. Neste primeiro momento, há um esforço em se compreender quais as condições dessas mulheres, seu *status* perante a uma *pólis* que as entende enquanto submissas, e quais possíveis estratégias de resistências que eram utilizadas por elas.

Nas décadas de 1980 e 1990 podemos observar como as discussões sobre gênero enquanto categoria de análise começaram a adentrar os estudos do campo de História das Mulheres. Para os historiadores da antiguidade, esse debate promoveu um maior aprofundamento sobre a divisão sexual do período clássico e como os próprios gregos entendiam essa questão. A medicina hipocrática, por exemplo, passa a ser explorada para se compreender melhor sobre os olhares sobre o corpo feminino e sua relação com a subalteridade das mulheres perante a *pólis*. Também são nessas décadas que o paradigma da submissão masculina começa a ser questionado, em especial nas relações interdisciplinares com a antropologia social e com a psicanálise.

Já nas primeiras décadas do século XXI, é possível verificar a grande presença de trabalhos voltados para as questões da sexualidade e do amor. Estes temas ficam em evidência em grande parte por estas serem questões presentes no nosso cotidiano e por serem reivindicações e pautas do movimento por direitos LGBTQ. Além disso, outras temáticas também são muito abordadas em pesquisas atuais, como é o caso da cidadania feminina e a participação pública das mulheres na *pólis* ateniense clássica.

No segundo capítulo, é realizada a análise da tragédia *Medéia*, de Eurípedes, buscando apontar a formação de uma ligação entre a personagem principal e o coro formado por mulheres coríntias. Sendo assim há um maior enfoque aos trechos de

diálogo entre essas mulheres, evidenciando a forma como elas se tratavam e os elementos pelos quais se estabelecia uma coesão interna. Como aporte teórico para esta análise se encontram alguns trabalhos recentes sobre a participação cívica das mulheres na *pólis* e também o diálogo interdisciplinar com a Antropologia Social para melhor desenvolvimento do conceito de rede social informal desenvolvido por Fábio de Souza Lessa no livro *O Feminino em Atenas*.

Capítulo 1: História das mulheres, feminismo e História Antiga.

Ao olharmos para o campo de História das Mulheres, um nicho da academia já reconhecido no Brasil e no mundo, podemos verificar sua aproximação ao movimento social das mulheres e de suas reivindicações na busca pela igualdade de gênero. De fato, as lutas por direitos e a entrada das mulheres em espaços antes inteiramente masculinos provoca transformações destes mesmos lugares, o que também ocorreu na consolidação da área de História das Mulheres. Assim, o caráter político do campo se faz não apenas por sua ligação com o movimento social das mulheres, mas também pelos outros diferentes modos com que se confronta os limites dessa política convencional.² No capítulo *História das Mulheres*³, Joan Scott propõe uma discussão sobre a formação e o desenvolvimento do campo de História das Mulheres e sua relação com o movimento político das mulheres. A autora entende a narrativa deste campo enquanto uma narrativa que é sempre política⁴, incluindo três principais sentidos que essa palavra evoca no qual:

Primeiro, em sua definição mais típica, ela pode significar a atividade dirigida para/ou em governos ou outras autoridades poderosas, atividade essa que envolve um apelo à identidade coletiva, à mobilização de recursos [...]. Segundo a palavra política é também utilizada para se referir às relações de poder mais gerais e às estratégias visadas para mantê-las ou contestá-las. Terceiro a palavra política é aplicada ainda mais amplamente a práticas que reproduzem ou desafiam o que é às vezes rotulado de "ideologia" [...]⁵.

A autora argumenta contra uma narrativa de que há, de alguma forma, um afastamento do campo de História das Mulheres da política na década de 1970. De que haveria, com a sua legitimidade crescendo dentro da academia, um distanciamento da luta feminista, que fez com que as mulheres desenvolvessem esse campo primordialmente. Esta narrativa de quebra com a política se estende até a década de 80, quando seria o fim definitivo na relação entre as duas já que ocorre a entrada das questões de gênero como categoria. Em oposição a esta idéia, a autora reafirma o caráter político da narrativa da História das Mulheres e busca suas complexidades através de

² MIGUEL, Luis Felipe.; BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política: uma Introdução*. 1º. ed. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 7.

³ SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

⁴ Idem. p. 67.

⁵ Idem, p. 66-67.

uma visão ampla sobre política, como fica claro em suas três definições⁶. Não é apenas Joan Scott que observa essa relação entre o campo de História das Mulheres e a política. No livro *Minha História das Mulheres*, Michelle Perrot discute suas experiências com o surgimento do campo de *Womens's Studies*, frente a uma segunda onda feminista que se pergunta onde estão as mulheres na História. A importância de maio de 1968 se destaca, embora o campo de estudos sobre as mulheres nas academias tenha surgido primeiramente nos Estados Unidos da América e na Grã Bretanha na década de 60 e na França apenas na década de 70⁷. A autora rememora sua própria trajetória dentro desse movimento coletivo que antes era uma experimentação sobre a possibilidade de se fazer uma história das mulheres e passou do tatear no escuro para um campo formalizado nas academias no mundo todo.

Considerando todas essas questões, gostaria de realizar neste capítulo uma análise sobre o campo de História das Mulheres, discutindo em especial autoras e autores que têm seus estudos voltados para a antiguidade. Antes de nos aprofundarmos na análise de fonte que essa pesquisa se propõe, é muito interessante e proveitoso analisarmos quais as principais discussões que esses autores levantam em seus estudos e como elas se relacionam com o movimento social das mulheres. Devido ao caráter limitador de uma monografia, o recorte utilizado será da década de 70 até os estudos publicados atualmente.

Na introdução de um de seus trabalhos mais reconhecidos, Sarah Pomeroy⁸ explicita ao leitor uma inquietação comum a várias outras mulheres dentro de um quadro inicial dos *Women Studies*: o que faziam as mulheres enquanto os homens se encontravam em todas as áreas tradicionalmente enfatizadas pelos estudiosos clássicos?⁹ Seu trabalho é característico deste período inicial de uma produção de conhecimento de historiadoras norte-americanas sobre as mulheres na Antiguidade, já que "partia da dominação masculina enquanto premissa, procurando descrever as formas da subordinação feminina, por um lado, e suas possibilidades de resistência, por outro lado."¹⁰

⁶ É importante ressaltar que Scott se volta mais para o campo de História das Mulheres nos Estados Unidos da América.

⁷ PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 19.

⁸ POMEROY, Sarah. *Goddesses, Whores, Wives, and Slaves: Women in Classical Antiquity*. New York: Schocken Books, 1975.

⁹Idem. p. 14.

¹⁰ ANDRADE, Marta Mega. *O Feminismo e a Questão do Espaço Político das Mulheres na Atenas Clássica*. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH. São Paulo, julho 2001. p. 3.

Ao apresentar suas questões sobre as mulheres que são colocadas desde a Era do Bronze até o período romano, a autora identifica aspectos muito relevantes para os *Women's Studies*. Um deles é a discussão entre os historiadores contemporâneos à publicação de seu livro e se refere à questão do status da mulher nas fontes literárias, em especial nas tragédias. Em meio a um debate sobre a condição da mulher para os gregos antigos, existia uma espécie de dicotomia entre autores que entendiam as mulheres nas fontes literárias através de um status elevado na sociedade ateniense e autores que entendiam as mulheres como submissas e de baixo valor. A razão de tamanho debate historiográfico em relação ao status das mulheres na cidade clássica é entendido pela autora como resultado do trabalho desses historiadores com as fontes por eles analisadas. Aqueles que analisam a condição das mulheres enquanto status elevado estavam voltados para as heroínas trágicas, entendendo-as enquanto modelos que demonstravam a realidade dessas mulheres na *pólis*. Já os que entendiam as mulheres através de um status inferior, analisavam fontes dos oradores áticos e rejeitavam em grande parte a leitura das tragédias como forma de vislumbrar a condição das mulheres atenienses¹¹.

Pomeroy reflete sobre essa dicotomia de forma a sair desta concepção que entende que as mulheres são uma "massa indiferenciada"¹² e se baseia, por muitas vezes, em valores contemporâneos de nossa sociedade. A autora identifica nas fontes literárias utilizadas em sua pesquisa não apenas uma distinção entre sexos durante o final do período arcaico e início do período clássico, mas também uma distinção social e econômica entre homens e mulheres. Sua proposição se torna mais evidente quando aponta para a lei de Sólon, no século VI a.C., na qual são abolidas as formas de venda de indivíduos e de crianças como escravos, exceto o direito de um guardião masculino¹³ de vender para a escravidão uma mulher que não fosse casada, mas tivesse perdido sua virgindade. Para Pomeroy, este seria um dos elementos da cidade clássica ateniense responsáveis pela distinção entre boas mulheres (esposas dos cidadãos) e prostitutas.

Outro aspecto importante de seu trabalho, que se relaciona diretamente com as questões discutidas anteriormente, seria a diferenciação entre a condição das mulheres no período arcaico e no período clássico, discutindo a modificação nos códigos de

¹¹ POMEROY, Sarah. *Goddesses, Whores, Wives, and Slaves: Women in Classical Antiquity*. New York: Schocken Books, 1975. p. 59.

¹²Idem. p. 60.

¹³ Um *kyrios* como é denominado em grego antigo esse guardião masculino que detinha a tutela de uma mulher.

comportamento da cidade clássica frente ao período arcaico. O que a autora explica é que há uma mudança nestes códigos conforme a cidade se "desenvolve" e que as mulheres, assim como outros grupos, passam a ocupar um espaço que é no mínimo desconfortável para a *pólis*¹⁴. Os estudos propostos por Pomeroy neste livro, ainda que sejam criticados atualmente em especial por não questionar a dominação masculina, são muito importantes para uma maior compreensão da condição da mulher ateniense na busca por entendê-las fora de um discurso que as vê enquanto um grupo homogêneo, procurando entender melhor seus diferentes *status* sociais (esposa, concubina, escrava). A autora escreve nos anos 1970, um período extremamente importante para as mulheres não apenas na academia, como aponta Scott¹⁵, mas também em outras esferas públicas que no passado haviam promovido uma exclusão das mulheres de forma direta ou indireta. Assim, no final dos anos 70:

[...] regras estabelecendo uma porcentagem mínima de mulheres, primeiro em direções partidárias e sindicais ou na administração pública, em seguida nas eleições, passaram a vigorar em países da Europa. Logo foram adotadas em outras partes do mundo, sobretudo na América Latina e na África.¹⁶

Podemos observar nesse período uma preocupação com os diversos impedimentos existentes no âmbito público e político, os diversos obstáculos que faziam com que as mulheres tivessem menos representações nestas esferas e que se era preciso discutir e propor formas de mudar essa condição. Além disso, é possível examinar a utilização da categoria "mulheres" na obra de Pomeroy, uma forma de se referir às diferentes mulheres entendendo-as enquanto grupo com diferenças internas e especificidades. Assim, ao se observar cada vez mais as lutas e reivindicações de mulheres que não se encaixavam em um modelo de mulher universal¹⁷, a categoria "mulher" aos poucos passa a ser substituída pela categoria "mulheres" nos estudos e análises dessas cientistas sociais.

Nos anos 80 e 90 do século XX a utilização da categoria gênero começa a ser frequente nos trabalhos das historiadoras da área de História das Mulheres, sendo um dos artigos mais importantes para difusão dessa categoria o texto *Gender: A Useful Category of Historical Analysis*, de Joan Scott, publicado em 1986. Nele, a autora

¹⁴ Idem. p. 97.

¹⁵ Em *História das Mulheres*, Scott aponta a distribuição de bolsas e outros incentivos já nos anos 60 nos Estados Unidos da América como forma de inserção das mulheres dentro de setores que anteriormente as excluíam. (p.69).

¹⁶ MIGUEL, Luis Felipe. Gênero e Representação Política. In: MIGUEL, Luis Felipe.; BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política: Uma Introdução*. 1º. ed. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 97.

¹⁷ Idem. p. 85.

propõe a utilização do gênero como uma categoria de análise, pois ao discutir as diversas correntes do estudo de História das Mulheres o "gênero como uma maneira de falar sobre os sistemas de relações sociais ou sexuais não aparece" ¹⁸. Scott entende *gênero* primeiramente como "um elemento que constitui relações sociais com base nas diferenças percebidas entre os sexos" ¹⁹ e também como um caminho primário para implicar as relações de poder." ²⁰. Desta maneira a autora insere no debate de gênero a questão das relações de poder, buscando compreender como a História constrói as diferenças sexuais e assim o próprio gênero.

Com a grande repercussão da utilização de gênero enquanto uma categoria de análise, conforme proposto por Scott, surgiram outras perspectivas de diversos autores que se debruçavam sobre o tema. Um destes autores é Thomas Laqueur, um historiador voltado para os estudos da medicina, e muito reconhecido por seu livro mais famoso, intitulado *Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos à Freud*. Neste livro, o autor propõe uma análise histórica de como surgiu a diferenciação sexual e, em sua investigação, observa como a distinção sexual entre homens e mulheres se dá no século XVIII, em meio a um contexto de grande importância da biologia e da separação entre a medicina masculina e a medicina feminina²¹. Assim, os estudos de Laqueur se tornam extremamente importantes para a discussão, já que o autor entende que ao contrário do que vimos com Scott, são o gênero e as relações de poder que são importantes na distinção entre os sexos²².

Nos estudos de História das Mulheres mais voltados para a antiguidade grega, a discussão sobre gênero e sexo também pode ser observada nas décadas de 80 e 90. Um deles seria o livro *Hippocrates' Woman: reading the female body in Ancient Greece*, de Helen King, publicado pela primeira vez em 1998. Sua obra se refere à medicina ginecológica hipocrática dos séculos V a. C. e do IV a. C. (no período clássico ateniense), com o objetivo de entender as construções históricas desse período sobre o corpo das mulheres e como se dá o uso dessa medicina da antiguidade em discursos de

¹⁸ SCOTT, Joan. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In: *The American Historical Review*, vol. 91, n. 5 (Dez. 1986). p. 1066. Tradução minha.

¹⁹ Idem. p. 1067. Tradução minha.

²⁰ Idem. p. 1068. Tradução minha.

²¹ LAQUEUR, Thomas Walter. *Inventando o Sexo: o corpo e gênero dos gregos à Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

²² PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o Debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. p. 90.

autores muito mais tardios²³. A autora estabelece um diálogo com Laqueur e outros historiadores da medicina em sua discussão, visto que ela compara ao longo do livro o pensamento hipocrático sobre o corpo feminino com pensamentos e análises de outros períodos da história.

Nesse sentido, Laqueur é extremamente importante para se entender essa construção da diferenciação sexual, já que, de acordo com seus argumentos, no período clássico grego não existiria propriamente um corpo feminino como o entendemos atualmente. Dessa forma, para os gregos existia "um corpo, que se era frio, fraco e passivo era feminino e se era quente, forte e ativo era masculino" ²⁴. O interessante no trabalho de King é como ela se posiciona referente a essa idéia de corpo único defendida por Laqueur, visualizando na medicina hipocrática que os corpos femininos não são apenas um corpos masculinos fracos e gelados e sim "criaturas completamente diferentes dos homens na textura de sua pele e nas associações de funções fisiológicas." ²⁵. A autora busca então nos textos hipocráticos como essa diferenciação se dava e quais eram as argumentações que as fundamentavam. Apesar de ser um estudo extremamente importante para se entender melhor sobre as distinções entre masculino e feminino no período clássico, ainda podemos observar, nesse período, a manutenção do patriarcado enquanto premissa e o não questionamento sobre o paradigma da submissão feminina e suas formas de resistir²⁶.

Porém são nessas mesmas décadas, 1980 e 1990, que começam a surgir trabalhos que iniciam um questionamento desse paradigma, e também da condição de exclusão das mulheres na *pólis* no período clássico ateniense. De acordo com Marta Mega de Andrade, "esses trabalhos analisam feminino e masculino como experiências estruturantes, e vêm acompanhados de uma grande influência exercida pelos estudos de P. Bourdieu sobre a sociedade Cabila"²⁷. Esses autores produzem estudos históricos em abordagens interdisciplinares com a antropologia social, a literatura clássica e também com a psicanálise.

Uma das autoras mais importantes neste período seria Nicole Loraux, historiadora francesa voltada para a área de letras clássicas. Em seu livro *Las*

²³KING, Helen. *Hippocrates' Woman: reading the female body in Ancient Greece*. Taylor & Francis e-Library, 2001. p. 1-5.

²⁴ Idem, p. 7. Tradução minha.

²⁵ citação de citação p.11.

²⁶ANDRADE, Marta Mega. *O Feminismo e a Questão do Espaço Político das Mulheres na Atenas Clássica*. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH. São Paulo, julho 2001. p. 5.

²⁷ Idem, p. 5.

Experiencias de Tiresias: lo masculino e lo femenino en el mundo griego publicado pela primeira vez em 1990, Loraux discute questões muito importantes a respeito do feminino e do masculino na antiguidade grega. De fato, um dos primeiros elementos a serem destacados sobre a discussão proposta por ela seria o fato de não se falar propriamente das mulheres e sim de um masculino e feminino²⁸. Logo na introdução deste livro, a autora estabelece uma característica extremamente importante para se entender a forma como os próprios gregos pensavam a *pólis* e essas relações. Esta característica seria a forma de se olhar para o feminino como o "mais complexo dos discriminantes, o operador que, por excelência, permite pensar na identidade como virtualmente trabalhada pelo outro"²⁹. O objetivo de Loraux neste livro é pensar como esse feminino é pensado pelos gregos em uma lógica de oposição, que garante a superioridade do masculino sobre ele. O interessante na sua abordagem é que, para isso, é preciso compreender o que há de feminino "dentro" do masculino, e como essa relação de alteridade é dependente dessa compreensão³⁰. Dessa maneira, o debate sobre o mito de Tirésias se torna uma estratégia muito interessante para se pensar essas questões, já que de ele teria sido, durante um período de tempo, uma mulher e depois teria voltado a ser um homem. Tirésias é importante nas discussões sobre feminino e masculino por "aquilo que experimentou como por sua função posterior de adivinho, Tirésias constitui uma figura do saber"³¹. A autora procura discutir nos capítulos como se dá a separação entre os sexos através não apenas de fontes trágicas e textos homéricos mas também busca essas distinções em Tucídides e outros oradores gregos. Tirésias não é o único referencial da autora para se discutir a relação entre feminino e masculino, já que ela também realiza um debate ao se voltar para o herói Hércules, por exemplo. Nele se encontram diversos elementos femininos embora seja um dos heróis em que a virilidade é um aspecto primordial.

Os trabalhos de Loraux, não apenas este livro mas também outros estudos produzidos no mesmo período³², são importantes para se compreender e questionar como e por que se constrói essa dicotomia no período clássico ateniense. A autora desenvolve seus textos com uma grande rigidez acadêmica e aponta os principais meios

²⁸LORAUX, Nicole. *Las Experiencias de Tiresias* (Lo Masculino y lo Femenino en el Mundo Griego). Barcelona: Acantilado, 2004. p. 9.

²⁹ Idem, p. 11. Tradução minha.

³⁰ Idem, p. 21-23.

³¹ Idem, p. 27. Tradução minha.

³² Como *La Cité divisée. Critique de la politique* de 1997 e *Les Enfants d'Athéna. Idées athéniennes sur la citoyenneté et la division des sexes* de 1981.

pelos quais os textos históricos e políticos do período clássico investem em uma distinção binária que se vincula a um fortalecimento da democracia ateniense. Assim é possível compreender que:

O espaço político se (re)fundamenta sobre a divisão sexual binária. A tese tem profundas implicações na história, e é isso mesmo que Nicole Loraux afirma: a fundação do espaço político, sua narrativa, sua *história*, subentende a separação estrita entre uma virilidade toda cultural (*andreia*, *areté*) e uma feminilidade *natural*, como se a marca da diferença corporal fosse, a partir do político, um corpo natural todo feminino *recalcado* de um corpo social abstrato todo masculino.³³

Apesar de seu estudo da *pólis* grega ser através de um modelo de exclusão das mulheres e de dominação masculina, entendendo esse feminino como "sem força"³⁴, a autora explora diversas questões sobre a estrutura binária do pensamento grego que são muito relevantes para os estudos atuais de gênero e de História das Mulheres.

Outro estudo muito relevante deste período, desta vez voltado mais para a antropologia social, é o artigo *Seclusion, Separation and the Status of Women in Classical Athens*, de David Cohen, publicado em abril de 1989. Neste artigo, Cohen questiona a tendência historiográfica que confunde reclusão com isolamento ao se voltar para as condições das mulheres no período clássico³⁵. Em um diálogo constante com os estudos antropológicos sobre as sociedades do Mediterrâneo, o autor aponta como diversos estudiosos do mundo clássico ateniense não conseguiram perceber as diferenças entre o que seria um discurso ideológico e dominante de um lado e a vida social ateniense de outro³⁶.

Ao apresentar a dicotomia público/privado intrínseca à dicotomia homem/mulher presente nos discursos clássicos, Cohen observa que não se pode dar como certo o que esses autores expressavam como normas daquela sociedade. Para ele, a análise comparativa pode ser um caminho para se entender melhor as condições das mulheres sem que se aceite como verdade a sua completa reclusão, ressaltada nestes discursos. O autor busca diversas referências em textos áticos de Tucídides, Demóstenes até mesmo em Aristófanes como forma de apresentar as diferentes atividades em que as mulheres atenienses estavam envolvidas fora da vida privada/reclusa como, por exemplo, a participação em festivais religiosos como as Thesmophórias e mesmo em

³³ ANDRADE, M. M. . Nicole Loraux ou O Tempo do Anacronismo. Campinas: no prelo, 2018 (Capítulo de Livro).

³⁴ Loraux argumenta que as mulheres são *adynaton*, ou seja, tem uma ação sem força.

³⁵ COHEN, D. *Seclusion, Separation and the Status of Women in Classical Athens. Greece and Rome*, v.36, p.1-15. 1989. p. 3.

³⁶ *Idem*, p. 4-5.

tarefas cotidianas como buscar água na fonte local. Assim, ao contrário do que muitos acadêmicos que analisam o mundo clássico estabeleciam sobre a reclusão das mulheres, as passagens por ele mencionadas no artigo:

[...] indicam que as mulheres não eram confinadas à suas casas em "reclusão oriental" (como alguns estudiosos preferem pensar romanticamente sobre, tendo pouca compreensão de que uma "reclusão oriental" também incluía atividades indispensáveis como carregar água), nunca vendo alguém fora da sua família imediata. De fato, uma das atividades mais importantes das mulheres incluía visitar e ajudar amigos e familiares.³⁷

As conclusões alcançadas por Cohen neste artigo estão intimamente ligadas aos estudos da antropologia social sobre as sociedades contemporâneas do Mediterrâneo. Nestes estudos, a reclusão das mulheres e sua separação dos homens na vida social passam a ser entendidas de formas diferentes, buscando não mais confundir as duas esferas ao olhar para essas sociedades. Assim, começa a se perceber que, por causa da separação entre homens e mulheres em algumas destas sociedades, se falhava em visualizar e compreender as redes complexas que interligavam essas mulheres³⁸. Este artigo é um bom exemplo sobre como os estudos de gênero da antropologia social foram importantes para o estudo sobre as condições das mulheres na Grécia Clássica, questionando a idéia de uma exclusão total dessas mulheres da vida social pública. Além disso, ele também se encontra em um momento no qual há a produção de várias frentes de pensamento feminista, que se debruçam sobre a questão do público e do privado e as diferenças de gênero presentes nas separações entre essas esferas. Ao espaço das relações públicas se vê uma tendência a excluir as experiências femininas, causada na maior parte das vezes por um entendimento extremamente restrito sobre política e sua relação direta com a publicidade da vida. Desse modo, se dá uma separação entre o que se é privado e o que se é público, deixando de lado muitas vezes questões importantes por pertencerem à esfera privada e não serem "políticas". Isto seria, nas palavras de Flávia Biroli, "uma forma de isolar a política das relações de poder na vida cotidiana, negando ou desinflando o caráter político e conflitivo das relações de trabalho e das relações familiares"³⁹. Em Cohen podemos perceber as mulheres ocupando outros espaços que não apenas aqueles de uma reclusão total no *oikos* familiar. Contudo, o autor não se aprofunda na questão público/privado e suas outras possibilidades.

³⁷ Idem, p. 8.

³⁸ Idem, p. 10.

³⁹ BIROLI, Flávia. O Público e o Privado. In: MIGUEL, Luis Felipe.; BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política: Uma Introdução*. 1º. ed. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 31.

Essas questões são mais aprofundadas em uma proposta de interpretação sobre o público e o privado no período clássico pela historiadora grega Christiane Sourvinou-Inwood. A autora se dedicava aos estudos sobre a religião na *pólis* ateniense e é especialmente reconhecida pelo seu livro *Tragedy and Athenian Religion*, publicado pela primeira vez em 2003. Porém, é em seu artigo *Male and female, public and private, ancient and modern*, de 1995, em que o diálogo com as questões discutidas por Cohen se faz presente. Ela inicia sua análise com uma crítica desta uma nova abordagem sobre a reclusão das mulheres em referência aos estudos antropológicos das chamadas "Sociedades Mediterrâneas". Para Sourvinou-Inwood, "apesar dessa compreensão ter produzido resultados benéficos, um outro encaminhamento das 'Sociedades Mediterrâneas', voltado para o estudo da sociedade grega antiga [...], tem o potencial de tornar-se em si mesmo uma nova fonte de distorções" ⁴⁰. Outra premissa, também logo questionada, é a abordagem da divisão grega em esferas pública e privada, nas quais a primeira seria domínio dos homens e a segunda seria do domínio das mulheres. Uma narrativa comum sobre essa divisão, seria a idéia de que dentro do âmbito privado do *oikos* os dois seriam complementares, enquanto que no âmbito público as mulheres estariam em condição de submissão e em uma posição desigual frente aos homens⁴¹. O argumento central neste artigo de Sourvinou-Inwood é que ela realiza uma inversão nesta premissa, propondo que "(...)em uma esfera particular da vida pública, na religião, as mulheres eram complementares e iguais aos homens, na vida privada, no *oikos*, elas eram desiguais e subordinadas ao chefe de família, até mesmo nos assuntos religiosos."⁴².

A crítica da autora a respeito do modelo de "Sociedades Mediterrâneas" utilizado por Cohen se dá pelas falhas ressaltadas em grande parte do processo metodológico da formação do modelo. Um exemplo dessa problemática seria a compreensão de algumas sociedades enquanto "sistemas fechados"⁴³ sem perceber suas interações amplas e diversas daquelas observadas na antiguidade grega. Outro ponto destacado por Sourvinou-Inwood é o de que:

até mesmo em sua mais cuidadosa vertente, esta abordagem envolve o perigo (nem sempre explicitado com sucesso) de que o que era pretendido como um modelo esclarecedor possa deslocar-se e, implicitamente, assumir o papel de

⁴⁰ SOURVINOU-INWOOD, Christiane. *Male and female, public and private, ancient and modern*. In: E. Reeder (ed.). *Pandora*. Princeton, Princeton University Press: 111-121.1 tradução de Heloísa C. de S. Carvalho; revisão Marta M. de Andrade; Labeca. p. 2.

⁴¹ *Idem*.

⁴² *Idem*.

⁴³ *Idem*, p. 3.

uma ferramenta explicativa, pela qual dados escassos e dúbios sejam estruturados e façam sentido.⁴⁴

Assim, a autora aponta como esse modelo pode nos levar a um simples preenchimento de lacunas ou a uma distorção sobre a condição das mulheres na antiguidade. Isto posto, Sourvinou-Inwood passa a argumentar sobre como a condição destas mulheres em uma esfera pública ateniense apresenta distinções importantes das "Sociedades Mediterrâneas". Um dos elementos de seu argumento diz respeito à noção do *oikos* enquanto a "unidade econômica básica da *pólis*"⁴⁵ e assim uma aproximação entre a subalteridade das mulheres na casa e perante as leis da cidade⁴⁶. Dentro do *oikos* a liderança era masculina e esta se relaciona diretamente com o poder político dos homens e a atividade militar, fazendo com que a autora sugira que:

[...]eram essas forças que, em larga escala, determinavam o status legal minoritário das mulheres e sua exclusão da política e de outras esferas públicas não religiosas, que eram a articulação hierárquica do *oikos* e o papel subordinado da mulher em si que determinavam a exclusão das mulheres do público em correlação com a importância dos deveres militares, os quais eram eles mesmos, indubitavelmente, um dos fatores que sustentavam a percepção da superioridade natural e óbvia dos homens.⁴⁷

Contudo, quando a autora se volta para a posição das mulheres perante a religião da *pólis* ela observa uma situação bem diferente da observada na vida privada. A primeira diferença se dá primeiramente porque na religião pública da cidade a unidade básica é o indivíduo e não o *oikos* como visto anteriormente⁴⁸. Nos rituais religiosos internos, o chefe da casa é determinante para que eles ocorram como, por exemplo, nos rituais de casamento onde uma mulher é passada de *kyrios* para outro. A importância das mulheres nestes rituais também é destacada, porém são nos rituais públicos que podemos visualizar como essas mulheres não estavam subordinadas aos homens⁴⁹. Para a religião pública da *pólis* as mulheres são extremamente importantes para que ocorra a conexão com o divino e, além disso, são insubstituíveis nestas posições. Assim, "como sacerdotisas, mas também em outras funções, em cultos, as mulheres estavam agindo

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Idem, p. 7.

⁴⁶ Em especial sobre a necessidade das mulheres de terem um *kyrios* que detivesse sua tutela perante a *pólis*.

⁴⁷ SOURVINOU-INWOOD, Christiane. Male and female, public and private, ancient and modern. In: E. Reeder (ed.). *Pandora*. Princeton, Princeton University Press: 111-121.1 tradução de Heloísa C. de S. Carvalho; revisão Marta M. de Andrade; Labeca. p. 7.

⁴⁸ Idem, p. 8.

⁴⁹ Idem, p. 10.

em favor de toda a *pólis* ou uma de suas subdivisões."⁵⁰. O apontamento de Sourvinou-Inwood é muito importante para se pensar as condições das mulheres no período clássico, pois inverte uma lógica que há muito vinha sendo usada como uma premissa. A autora indica que as funções dessas mulheres na religião pública da *pólis* "tinham uma importância muito mais significativa do que é levado em conta pelos estudos nos quais a investigação sobre as prerrogativas de gênero é estruturada por meio da oposição público-privado."⁵¹. Sua contribuição é importante para o debate sobre a relação entre as mulheres e a vida pública/política, na medida em que essa dimensão deixa de ser entendida como algo que ficava às margens ou então excluído⁵².

Nas últimas duas décadas do século XXI, o campo de História das Mulheres e de estudos de gênero na antiguidade tem se voltado em grande parte para estudos sobre a sexualidade e a própria categoria de gênero. Essas temáticas se popularizam em grande parte por essas questões serem muito presentes nos de dias de hoje não apenas no Brasil, mas também em outras partes do mundo. Normalmente estes trabalhos se preocupam em não se utilizar de formas e modelos anacrônicos para se discutir sexualidade no mundo antigo, mais especificamente quando se menciona a "bissexualidade" ou a "homossexualidade". Usualmente podemos observar a utilização de outras designações como, por exemplo, a utilização da denominação "homoerótico" no livro *Among Women: From the Homosocial to the Homoerotic in the Ancient World* publicado em 2002 e editado por Nancy Rabinowitz e Lisa Auanger. Neste livro, são reunidos artigos cujo enfoque é a relação homerótica entre mulheres na antiguidade, através de estudos que privilegiam tanto as fontes arqueológicas quanto as fontes textuais. Este e outros trabalhos desenvolvidos atualmente dialogam constantemente com as teorias feministas e *queer* e a luta e reivindicações do movimento LGBTQ.

Contudo, os estudos sobre as condições das mulheres na Atenas Clássica e as variadas questões evocadas pelo tema continua sendo relevante e explorado. Em *O Feminino em Atenas*, escrito por Fábio de Souza Lessa e publicado em 2004, o historiador se propõe a investigar o tema com enfoque nas mulheres-esposas atenienses e a discussão do modelo de mulher abelha⁵³. O objetivo do autor é analisar não só como esse modelo se constrói mas também como ele vai se desconstruindo na medida em que

⁵⁰ Idem, p. 11.

⁵¹ Idem, p. 23.

⁵² ANDRADE, *op. cit.*, p. 8.

⁵³ Modelo *Mélissa*, entendido através de características defendidas nos textos antigos como a passividade, o cuidado da casa, o silêncio, entre outros.

se observa as práticas cotidianas de mulheres que questionam esse modelo. Lessa defende a participação dessas mulheres na vida pública e cívica da *pólis*, entendendo essa participação cívica como:

[...]conceito diretamente vinculado ao de política, porém sua acepção mais ampla do que se possa muitas vezes considerar como político, pois consideramos que o político se faz presente nas práticas cotidianas. Contudo, cívico é um conceito que transcende o de político e de seu exercício, pois os engloba, contemplando claramente ambas as formas de participação ativas: a formal e a informal.⁵⁴

Assim, Lessa questiona o discurso de domínio masculino investigando as diversas formas em que essas mulheres-esposas interagem e se conectavam no cotidiano, utilizando a análise de fontes textuais e iconográficas em um diálogo interdisciplinar com a antropologia social. Seus apontamentos durante este livro serão de suma importância para o desenvolvimento da análise de *Medéia* proposta no próximo capítulo.

⁵⁴ LESSA, Fábio de Souza. *O Feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004. p. 197-198.

Capítulo 2: Rede Social Informal e Solidariedade em Medéia

A tragédia *Medeia* de Eurípedes foi apresentada em Atenas em 431 a.C. e se faz extremamente relevante ainda nos dias de hoje. O enredo da tragédia se inicia em um momento posterior aos eventos do mito envolvendo a fuga de Medéia, uma mulher que na mitologia grega seria sobrinha da feiticeira Circe, e Jasão com o velocino de ouro de Cólquida, cidade governada pelo rei Eetes, pai da própria Medéia. Em meio à fuga, a princesa, já conhecida por suas feitiçarias e artimanhas nas aventuras dos Argonautas, mata e esquarteja o próprio irmão como meio de atrasar os esforços do rei para capturá-los, o que faz com que ela rompa completamente com o *oikos* paterno e não possa voltar para sua cidade.

Chegando a Iolcos, Jasão não consegue o trono mesmo entregando o velocino de ouro e então Medéia age mais uma vez causando a morte do rei de Iolcos pelas próprias filhas. O casal é então expulso da cidade e inicia seu exílio em Corinto, onde se passa a tragédia de Eurípedes. O início do prólogo apresenta Medéia, mãe de dois filhos de Jasão, descobrindo a pretensão do Argonauta de deixá-la para se casar com a filha de Creonte, rei de Corinto. Além de ser abandonada por Jasão, ela também descobre a intenção do rei de expulsá-la da cidade, fazendo com que ela iniciasse uma trama para matar a princesa e depois os próprios filhos para assim se vingar de Jasão. Após aliar-se a Egeu, rei de Atenas, trocando refúgio por ajudar o rei a curar a infertilidade que o atingia (por meio de seu conhecimento a respeito de drogas e magia), Medeia finalmente executa seu plano. Envenenando o diadema e o véu que são dados à princesa de Corinto e, por fim, assassinando os próprios filhos, a personagem principal foge para Atenas no carro do Deus Sol.

Ainda que seu texto original seja datado do século V a. C. a peça continua sendo uma fonte de pesquisa importante para aqueles que voltam para a antiguidade e para o teatro grego, seja por evocar questões ainda muito presentes e discutidas atualmente, como as dores das mulheres dentro de um casamento, seja por ser um clássico que é sempre revisitado e explorado no espaço do teatro⁵⁵.

A quantidade significativa de pesquisadores que se debruçam sobre *Medeia* têm suas origens nas mais diversas áreas de conhecimento, dentre elas se destacam os pesquisadores das áreas de Letras Clássicas e Filologia, além dos pesquisadores das

⁵⁵ A peça *Gota d'água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes, é um exemplo recente de como *Medeia* se mantém relevante na contemporaneidade.

ciências sociais que se voltam para a antiguidade grega. Dentre os estudos sobre a tragédia produzidos nas últimas décadas nessas áreas, Helene P. Foley e seu livro *Femeale Acts in Greek Tragedy*⁵⁶ nos oferece uma amostra sobre como esses pesquisadores se voltam para Medeia e quais são seus principais questionamentos. No capítulo “Tragic Wives: Medea's Divided Self”, a autora busca compreender o confronto de gênero presente na tragédia através de uma análise da divisão interna da personagem principal, uma característica presente na literatura grega. Para Foley, uma parte de Medéia, a parte que ela identifica enquanto feminina, é construída ao longo da peça em sua relação com o coro de mulheres coríntias, na medida em que sua outra parte, a identificada como masculina, aparece relacionada diretamente com as características dos heróis em trechos específicos onde ela planeja sua vingança⁵⁷. A autora discute esse embate entre o feminino e masculino, assim como a separação entre razão e paixão na tragédia, que ocorre em outros estudos da mesma área, como por exemplo os estudos de Anne Burnett e Albrecht Dihle.

Outro olhar recente sobre *Medeia*, nessa área específica das ciências sociais que se volta para o estudo da religião na antiguidade grega, pode ser observado no livro *Medeia, Mito e Magia: A Imagem Através do Tempo*, da historiadora Maria Regina Candido⁵⁸. Neste livro, a autora busca compreender a atuação de Medeia "como esposa e mãe chegando à mulher bárbara que usa do poder da magia como meio de ataque e defesa"⁵⁹. A autora compreende uma relação de empatia entre Medéia e as mulheres coríntias durante a tragédia, já que essa personagem principal tem características comuns às mulheres de Atenas⁶⁰. Porém, Candido também interpreta Medéia como uma personagem que não representa a mulher grega, pois a execução de seus próprios filhos é uma atitude completamente desviante. Dessa maneira, a autora passa a entender a personagem principal como a representação da mulher estrangeira, que detém conhecimentos sobre práticas de magia e feitiçaria⁶¹.

Em meio a tantas possibilidades, perspectivas e abordagens sobre essa tragédia, como discuti brevemente, pretendo fazer uma análise de *Medéia* que se volta para as relações desenvolvidas entre a personagem que dá nome à peça e as mulheres de

⁵⁶ FOLEY, Helene P. *Femeale Acts in Greek Tragedy*. Princeton University Press, 2001.

⁵⁷ Idem, p. 257-258.

⁵⁸ CANDIDO, Maria Regina. *Medéia, Mito e Magia: a imagem através do tempo*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ Fábrica do Livro/SENAI, 2006/2007.

⁵⁹ Idem. p. 12.

⁶⁰ Idem. p. 23.

⁶¹ Idem. p. 30.

Corinto que formam o coro. Meu objetivo é investigar como se desenvolvem essas relações e quais são os elementos que as aproximam e as distanciam, relacionando essa investigação com as condições das mulheres na Atenas Clássica.

A tragédia tem início com um diálogo no qual o personagem do Preceptor indaga à Nutriz a respeito da situação de Medéia e expõe secretamente a pretensão de Creonte, o rei de Corinto, de expulsá-la junto com os filhos daquelas terras. A Nutriz expressa extrema preocupação com a situação dos filhos de Medéia e o Preceptor fala sobre Jasão:

NUTRIZ. (versos 74-77) E Jasão suportará que os filhos sofram isso, ainda que brigado com a mãe? / PRECEPTOR. Antiga aliança perde para a nova e aquele não é amigo desta casa.

[...]

PRECEPTOR. (versos 85-88) E que mortal não? Reconheces agora que todo mortal ama a si mais que ao próximo, uns com justiça, outros por ganância; por núpcias novas, o pai não gosta destes.

Estes trechos iniciais apontam para a traição de Jasão à própria casa e sua empreitada para afirmar uma nova aliança com a princesa de Corinto. Esta traição, além de ser um elemento importante dentro da tragédia, como a questão que gera o planejamento e execução da vingança, também nos faz refletir sobre a condição de esposa de Medeia e da casa formada com Jasão, que são essenciais para o desenrolar da trama.

O casamento durante o período clássico ateniense não era estabelecido como uma instituição com uma definição única e concreta, apesar do que se poderia pensar em um primeiro contato com esse tema⁶². Um dos principais elementos para que ocorresse um casamento era o *engué*, “um acordo solene, público e mútuo jurado sob a presença de testemunhas que poderiam atuar como suas garantidoras”, nas palavras de Jean-Pierre Vernant⁶³. Apenas esse acordo não era suficiente para promover o casamento já que era preciso que houvesse coabitação entre o casal para firmá-lo. Para além do *engué*, era necessário que o *kyrios*⁶⁴ da mulher cedesse um dote que estava intimamente ligado a ela quando fosse para a família do marido. Em meio a estes elementos que envolviam um casamento no período clássico ateniense seria possível

⁶² VERNANT, Jean-Pierre. Marriage. In: VERNANT, Jean-Pierre. Myth and Society in Ancient Greece. New York: Zone Books, 1996. p. 55.

⁶³ Idem. p. 56.

⁶⁴ Um *Kyrios* era um homem que detinha a tutela sobre determinada mulher, podendo ser seu pai, tio ou algum outro homem que tivesse uma relação de parentesco.

dizer, também de acordo com Vernant, que "uma esposa legítima era aquela que, após um *engué*, tenha sido dada junto de seu dote de seu *kyrios* para seu marido"⁶⁵.

Apesar de parecer uma questão bem resolvida para os atenienses, a diferença entre uma esposa e uma concubina, uma mulher que coabita com um homem sem estes elementos anteriormente discutidos, não era tão bem estritamente definida⁶⁶. A lei de Péricles de 451 a.C determinava que apenas eram atenienses aqueles filhos de mãe e pai atenienses. Contudo, textos jurídicos como *Contra Neera*, de Demóstenes, nos apontam que essa demarcação não era tão simples de ser feita, embora fosse desejada pelo menos no discurso político da *pólis*. Esta esposa legítima, que produz legítimos herdeiros para a casa a qual pertence, aparece com frequência nos textos trágicos do período clássico através da utilização do termo *gyné*, e é exatamente por esse termo que são referenciadas tanto Medéia quanto o coro de mulheres coríntias ao longo da tragédia, o que será de grande importância para este trabalho mais a frente.

Após o diálogo entre a Nutriz e o Preceptor, as mulheres de Corinto que compõem o coro escutam os prantos que ecoam na casa de Medéia e pedem para que a Nutriz a chame para fora:

CORO. (versos 132-137) Ouvei a voz, ouvi o grito da mísera mulher cólquida não ainda calma. Ó anciã, fala. No ambívio palácio um grito ouvi, não me aprezem, ó mulher, dores da casa que me é querida.

NUTRIZ (versos 139-143) Não há mais casa, isto já se foi. A ele prendem núpcias principescas, ela no tálamo consome a vida, a Senhora, nenhum de seus amigos em nada conforta-lhe o coração com palavras.

É possível observar nestes trechos uma aproximação entre Medéia e o coro de coríntias, em especial pela forma de se referir das mulheres à casa de Medéia como uma casa que as é querida. Além desse elemento de proximidade, há também a reafirmação do fim da casa de Medéia, ou seja, o fim da casa que ela construiu com Jasão após a fuga e o exílio em Corinto. A sua situação, tendo em vista a traição do leito, se desenvolve logo nos versos seguintes, em que a personagem principal ainda se encontra dentro do palácio. Como podemos observar:

MEDÉIA. (versos 160-167) Ó grande Témis e senhora Artemis, contemplai o que sofro, com grandes juras enlaçada a meu maldito marido? Que eu o visse e sua noiva, lá mesmo no palácio, dilacerados, porque me ousaram lesar antes. Ó pai, ó pátria donde me mudei vilmente, ao matar o meu irmão!

O lamento de Medéia ainda de dentro do palácio tem duas características a serem destacadas; a primeira delas seria o clamor por Témis, deusa da justiça, pela

⁶⁵ VERNANT, *op. cit.*, p. 57.

⁶⁶ *Idem.* p. 57.

traição das juras de casamento provocada por Jasão, e o furor da personagem principal em ter sido lesada tanto pelo marido quanto pela nova noiva. A segunda característica seria seu clamor pela família paterna e pela pátria que tivera de deixar para trás ao fugir com Jasão, um elemento extremamente importante para se entender a condição de Medéia enquanto estrangeira. Essas duas características se entrelaçam ao longo da tragédia na medida em que, como define Michael X. Zelenak:

Medeia não é simplesmente uma mulher; ela é também uma estrangeira, duplamente marginalizada. Ela carrega a perspectiva da total exclusão em relação ao discurso do homem ateniense privilegiado presente na tragédia. Ela transforma essa própria alienação em um *self* e uma identidade.⁶⁷

Estas características são importantes devido à separação política no período clássico entre cidadãos e estrangeiros domiciliados (*metecos*) em Atenas, bem como a condição das mulheres de exclusão de um direito político⁶⁸. O sofrimento de Medéia é duplo visto que ela tem suas ligações com seu pai e sua cidade⁶⁹ rompidas em virtude de ajudar Jasão em sua escapada de Cólquida e Jasão trai as juras divinas do leito e destrói a casa em nome de uma nova e melhor aliança.

O coro de mulheres coríntias insiste na saída de Medéia do palácio onde ela se encontra, reafirmando uma aproximação com a personagem principal como podemos observar por meio dos seguintes versos:

CORO. (ANT.- verso 184) Como ela viria à nossa vista e acolheria a voz das palavras proferidas, se ela acalmasse o ardor furioso de seu coração? Não se ausente o nosso ânimo propício aos amigos. Eia! Vá lá e traze-a para cá fora do palácio, diz que somos amigas, age antes que faça algum mal aos seus, pois esta dor grandemente a comove.

Nestes trechos e em outros no decorrer da tragédia podemos observar a utilização do termo *phílai* traduzido como amigas nestes versos específicos. Essa palavra se deriva do termo grego *philia*, que evoca uma relação de solidariedade, demonstrando um nível de coesão e unidade entre indivíduos de determinado grupo e responsável pela consolidação dessa relação⁷⁰. A historiadora Marta Mega de Andrade em seu livro *A "cidade das Mulheres" - Cidadania e alteridade feminina na Atenas Clássica* analisa a presença de uma solidariedade fora dos parâmetros normais nas personagens femininas de Eurípedes e como essa relação de afinidade se desenrola sem

⁶⁷ ZELENAK, Michael X. *Gender and Politics in Greek Tragedy*. New York: Peter Lang, 1998. p.102.

⁶⁸ No período clássico ateniense existia a *kyrieia*, que funcionava como a tutela dos homens sobre as mulheres já que elas não possuíam um poder político perante a *pólis*.

⁶⁹ É interessante observar que as palavras em grego utilizadas são respectivamente *patér* e *pólis*.

⁷⁰ ANDRADE, Marta Mega de. *A Cidade das Mulheres: cidadania e alteridade feminina na Atenas Clássica*. Rio de Janeiro: LHIA-UFRJ, 2001. p. 62.

a necessidade de pertencimento a determinado grupo ou status social, sendo o pertencimento à raça das mulheres⁷¹ o elemento essencial para essa forma de solidariedade. Para a autora, *Medéia* é determinante para essa discussão já que "nesta peça o contraste é marcante, entre a solidariedade que une Medéia ao coro de mulheres coríntias, por um lado, e sua condição de estrangeira e bárbara perante a cidade, por outro lado." ⁷². Além disso, ao se voltar para uma discussão com enfoque na cidadania, essa solidariedade é entendida por Andrade como uma forma de relações de reciprocidade possível tanto na esfera privada quanto na vida política que estabelece um coletivo feito entre iguais. No caso feminino, essa rede de reciprocidade se estabeleceria através do parentesco, dos vínculos entre as esposas que circulam e mantém relações com outras casas, podendo ser analisadas nas tragédias de Eurípedes⁷³. Essa solidariedade é melhor observada nos versos do monólogo mais famoso da tragédia, e a resposta do coro à personagem principal, como podemos analisar a seguir:

MEDÉIA (versos 225 - 251) Este inesperado fato que se deu comigo destruiu-me a alma. Vou-me e da vida deixo ir a graça e quero morrer, amigas. Quem para mim era tudo, bem sabe ele, o meu marido, virou o mais vil dos homens. De todos os que tem vida e tem noção, nós, mulheres, somos o ser mais infeliz: primeiro é preciso com excessivo dinheiro comprar marido e aceita-lo como senhor seu, esse mal ainda dói mais que o mal. Este é o máximo certame: aceitar o reles ou o útil, pois o divórcio não é bem visto para mulheres, nem podem repudiar o marido. Ao chegar à sua nova morada e condições sem vir instruída de casa, deve adivinhar qual o melhor convívio com o seu consorte. Quando nos saímos bem dessas fadigas, e o marido convive sob o jugo sem violência, a vida é invejável; se não, a morte é melhor. O homem, aborrecido com os de casa, vai fora e afasta o coração do tédio divertindo-se com amigo ou companheiro, mas nosso fado é fitar uma só alma. Dizem que vivemos sem perigo a vida doméstica, mas eles guerreiam com lança, não compreendem que eu preferiria lutar com escudo três vezes a parir uma vez [...].

Logo no início deste trecho da tragédia podemos observar a utilização do termo *gynaikes*, referente às esposas legítimas, para mencionar as mulheres coríntias, assim como uma reafirmação do termo *phílai* (amigas) como uma forma de Medéia de se relacionar com essas mulheres. Outro elemento central na fala destacada é a enunciação das angústias que uma mulher sofre enquanto esposa, como a necessidade de uma grande quantia de dote e as dificuldades do convívio com o marido. Este elemento se conecta diretamente com a discussão realizada anteriormente sobre as principais características do casamento no período clássico em Atenas, visto que Medéia fala

⁷¹ génos gynaikôn, em grego.

⁷² ANDRADE, *op. cit.*, p. 63.

⁷³ ANDRADE, *op. cit.*, p. 62-63.

diretamente para as mulheres coríntias aquilo que lhes é comum: a condição de esposa. Este monólogo é fundamental para se entender a solidariedade entre as mulheres ao longo da tragédia porque não evoca apenas a traição de Jasão, e todo o conseqüente mal que se segue, mas também as particularidades que elas compartilham. Porém, nos versos que seguem ainda nesta fala, Medéia aponta o que a separa das mulheres coríntias como podemos atentar a seguir.

MEDEIA (versos 252 - 266) Mas não a mesma razão vem a ti e a mim: tens esta cidade e o palácio paterno e o gozo de viver e o convívio dos teus, eu, porém, órfã sem cidade sou ultrajada pelo marido, conquistada em terra bárbara, sem mãe, nem irmão, nem congêneres para abrigar-me deste infortúnio. Quererai alcançar de ti silêncio, se para mim for inventada via e meio de punir por estes males o marido e aquele que lhe deu a filha por esposa, silêncio! A mulher aliás plena de pavor é covarde para resistir e ao ver o aço, mas quando na cama calha ser lesada, não há outro espírito mais sujo de sangue.

O que podemos observar como uma diferenciação entre as mulheres do coro e a personagem principal se dá por intermédio não apenas da condição de estrangeira que Medéia apresenta, mas também por sua condição de *ápolis*, termo grego traduzido na peça como "sem cidade". Ao analisar a utilização deste termo, que é comum dos textos jurídicos áticos no período clássico, como uma marca na condição de Medéia, Marta Mega de Andrade compreende que há uma relação intrínseca entre a *pólis* e a cidade dos pais, a pátria, a casa paterna. A falta de cidade de Medéia esta intimamente ligada à perda do *oikos* de seu pai e, mesmo perdendo a casa que ela estabeleceu com Jasão quando o mesmo decide se casar com outra mulher, não pode voltar para sua casa paterna. Ao matar seu irmão na fuga com Jasão, Medéia rompeu com esta casa, ficando sem um *kyrios* paterno que obtivesse uma tutela sobre ela após a traição de Jasão e seu casamento com a princesa de Corinto. Além disso, ao pensar na possibilidade de se vingar de alguma forma do próprio marido e de Creonte, ela pede para que as mulheres de Corinto mantenham silêncio sobre esses futuros planos, estreitando a relação e confiança que ela mantém com as coríntias, na medida em que elas respondem afirmando esse pedido e anunciando a chegada de Creonte através dos versos "CORO. (versos 267-270) Assim farei, com justiça punirás o marido, Medéia. Não admiro teu luto pela sorte. Vejo ainda Creonte, o rei desta terra, a caminho, mensageiro de novas decisões.".

Como podemos perceber até este ponto desta análise da tragédia, o vínculo entre Medéia e as mulheres coríntias é marcado pela *phília*, ou seja, por uma solidariedade que as une enquanto mulheres-esposas mesmo que haja uma diferença vital entre elas

devido a condição de estrangeira e *ápolis* de Medéia. Para entender melhor esse vínculo é preciso que busquemos uma discussão mais aprofundada sobre as possibilidades de integrações entre as mulheres no período clássico ateniense.

No livro *O Feminino em Atenas*⁷⁴, do historiador Fábio de Souza Lessa, há um capítulo que pode ser interessante para essa discussão denominado “Redes Sociais Informais e a Participação Feminina Ativa e Pública na *Pólis*”. Neste capítulo, Lessa propõe uma análise da associação das esposas legítimas atenienses em redes sociais informais através de uma pesquisa de caráter interdisciplinar com a Antropologia Social, mais especificamente nos estudos de Elizabeth Bott e as implicações de sua obra denominada *Familia y Red Social*⁷⁵. O conceito de rede social utilizado visa manter as especificidades do período clássico ateniense⁷⁶ e em sua análise se define como "um grupo no qual cada pessoa está, de alguma maneira, em contato com um número de pessoas, algumas das quais estão diretamente em contato entre si, enquanto outras não."⁷⁷. Para além disso, o autor também concorda com J. C Giner ao entender uma rede social pelo aspecto de relações que se desenvolvem no cotidiano e que "repousam no intercâmbio recíproco de mensagens, bens e serviços."⁷⁸.

Seguindo os estudos de Elizabeth Bott, o autor analisa essas redes sociais informais entre as mulheres concluindo que o período clássico ateniense teria uma separação entre os papéis de marido e mulher, visto que Bott conclui em sua obra que quanto maior o nível de distanciamento entre esses papéis mais unida é a rede social, sendo entendida enquanto uma rede *travada*. Essa é uma característica interessante da análise proposta por Lessa já que essas redes sociais informais, além de possibilitarem a formação do que o autor entende como grupos de amizade, a *phília*, também são entendidas como tática de rompimento com o discurso do período clássico em que, em suas palavras, "pressupunha a segmentação pelo gênero dos espaços de atuação de homens e mulheres"⁷⁹. Assim, o *oikos*, por exemplo, se coloca enquanto forma passível de possibilitar essa integração social entre as mulheres que "(...)pode ser entendida como uma das *respostas* femininas ao domínio masculino."⁸⁰.

⁷⁴ LESSA, Fábio de Souza. *O Feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

⁷⁵ BOTT, E. *Familia y Red Social*. Trad. R. Governado. Madrid: Taurus, 1990.

⁷⁶ O estudo de E. Bott é referente à famílias inglesas contemporâneas, então seria necessário preservar as especificidades da Atenas no período Clássico.

⁷⁷ BOTT *apud* LESSA.

⁷⁸ LESSA, *op. cit.*, p. 156.

⁷⁹ *Idem.* p.158.

⁸⁰ *Idem.* p.164.

A documentação textual que constitui a análise de Lessa sobre essas redes sociais informais são três principais comédias de Aristófanes, dentre as quais destacamos suas observações sobre *Lisístrata* e *Thesmophórias*. O enredo da primeira delas se concentra em uma greve de sexo e tomada pública da cidade por parte de mulheres que pretendem acabar com a guerra entre atenienses e lacedemônios. Lisístrata, a personagem principal da comédia, é responsável por reunir mulheres de outras *pólis* (Peloponeso, Beócia, Corinto) e estabelecer assim sua estratégia para trazer a paz à Grécia. Ao analisar as relações estabelecidas entre as mulheres, Lessa aponta uma rede social que ele caracteriza como *inter-pólis*, entendida enquanto "uma forma de ação pública das esposas em prol da paz."⁸¹ Nesta rede se encontram tanto as peloponésias, beócias e coríntias, como também as atenienses coordenadas por Lisístrata e as espartanas coordenadas pela personagem Lâmpito. A líder das espartanas é importante para a análise de Lessa visto que

[...] mais do que a própria Lisístrata, é a espartana Lâmpito quem melhor propicia uma maior densidade à rede, pois ela é a única personagem que no decorrer da comédia interage com todas as demais personagens femininas que compõem a rede.⁸²

Além disso, o autor observa ainda que nesta comédia não há o tipo de rede social *travada*, já que apenas uma das personagens apresenta a característica de desempenhar mais de um papel social ao mesmo tempo, como por exemplo serem vizinhas e amigas⁸³. Para Lessa, o aspecto *inter-pólis* impede que a rede social informal entre as mulheres em *Lisístrata* seja do tipo *travada*, já que um nível grande de conectividade entre as mulheres "apenas poderia ser encontrado internamente, ou seja, entre as esposas atenienses ou entre as espartanas."⁸⁴ Apesar de não ser uma rede social do tipo *travada*, o autor aponta ainda elementos dentro da peça que proporcionam a coesão entre mulheres nesta rede como a própria *phília*, entendida como uma relação de amizade que, além de permitir essa coesão entre as esposas, também permite a composição de um espaço para a validação de práticas próprias do grupo e de sua existência social.

Em *Thesmophórias* o enredo gira em torno do festival e ritual religioso das esposas atenienses que dão nome à peça e que se associa à deusa Deméter e sua filha Perséfone. Nessa comédia as mulheres também ocupam os espaços públicos da *pólis* ateniense condenando Eurípedes por caluniar as mulheres em suas tragédias no teatro.

⁸¹ Idem. p.172.

⁸² LESSA, *op. cit.*, p.173.

⁸³ Idem. p. 174.

⁸⁴ Idem. p.174.

Em seu exame da comédia, Lessa observa que diferentemente do que ocorre em *Lisístrata*, é possível apontar um nível elevado de densidade interna na rede social informal composta pelas esposas atenienses. Isso se daria, de acordo com Lessa, “pois as personagens que possuem espaço de atuação na comédia interagem entre si, mantendo contatos mútuos. As personagens Primeira Mulher e Coro mantêm, por exemplo, contatos com todas as demais personagens da comédia.”⁸⁵. O argumento se sustenta visto que a participação das mulheres esposas no festival religioso das Thesmophórias proporcionava alguns privilégios como a possibilidade de organizar este grupo de forma independente e autônoma e realizar práticas rituais que eram secretas e particulares⁸⁶. Além disso, esse festival permitia uma conexão entre as esposas da *ásty* e da *khóra*, ou seja, uma aproximação entre as mulheres atenienses que viviam tanto na cidade quanto na parte rural da *pólis*. Dentre os elementos de coesão dessa rede apontados por Lessa estão a condição de esposa legítima compartilhada entre as mulheres que participam do ritual religioso e são exploradas na comédia bem como novamente a *phília*.

Considerando as diferenças presente entre os dois gêneros, a tragédia e a comédia, assim como o elemento mítico presente em *Medéia*⁸⁷, eu gostaria de realizar alguns apontamentos sobre as análises propostas por Lessa e a possibilidade de se discutir sobre uma rede social informal entre as mulheres coríntias e *Medéia*. Como visto, uma rede social com um caráter de alta densidade nos vínculos entre as mulheres, denominada *travada*, ocorre quando as partes inseridas dentro da rede exercem dois ou mais papéis sociais ao mesmo tempo e só pode ser observada internamente. Em *Medéia*, como já discutido, a personagem principal e as mulheres coríntias têm uma relação na qual, além de vizinhas⁸⁸, também são amigas, visto que há utilização constante dos termos *phíla* e *phílai* como forma dessas mulheres se referenciam ao longo da tragédia.

Apesar disso, *Medéia* tem uma característica que a faz diferente em relação às coríntias, já que ela carrega consigo a identidade de estrangeira e *ápolis*. Ambas são esposas, mas apenas as mulheres de Corinto têm cidadania. Se por um lado há uma clara

⁸⁵Idem. p.179.

⁸⁶Idem. p.178.

⁸⁷ Na proposta de Lessa, as mulheres nas peças cômicas são entendidas enquanto não-míticas e por isso representariam o cotidiano ateniense.

⁸⁸ Esta é uma interpretação minha já que pelo desenvolvimento inicial da tragédia as coríntias chegam até a casa de *Medéia* ao ouvir os prantos dela, apontando uma provável proximidade entre suas habitações, além da forma de familiaridade com que elas pedem para que a Nutriz a tire de dentro do palácio para que elas ofereçam apoio ao sofrimento da personagem principal.

elucidação dessa diferença, por outro o vínculo entre elas permanece ativo, como podemos ver nos trechos da tragédia que seguem o encontro entre Medéia e Creonte, nos quais a personagem principal implora para que ela e seus filhos tenham um dia antes de serem exilados de Corinto. Medéia informa seu plano de matar tanto Creonte quanto sua filha e Jasão ao passo que o coro responde: "CORO. (versos 418-420) As Famas tornarão gloriosa a minha vida, honra vem ao gênero feminino, não mais díssona fama será das mulheres."

Nestes versos, podemos observar a evocação de uma raça das mulheres, aspecto interessante para se entender a solidariedade⁸⁹ das coríntias à vingança da personagem principal e a ideia do entendimento da traição do leito provocada por Jasão como uma injustiça a qual Medéia não pode recorrer por ser *ápolis*. Esta idéia se torna mais clara após o embate entre a personagem principal e seu marido logo após Creonte concordar em dar mais um dia ante de exilar Medéia e seus filhos como é possível observar através dos trechos a seguir:

CORO. (632-651) Ó Senhora, do áureo arco nunca me dispares a inevitável seta untada de anseio. Que me ame Prudência, o mais belo dom dos Deuses. Não me lance a ambíguos ardores e a insaciáveis rixas, aturdido o ânimo por outras núpcias, a terrível Cípris. Honre ela bodas sem brigas e a distinga núpcias de mulheres com perspicácia. Ó pátria, ó palácio, nunca fique eu sem cidadania a levar sem recursos a inviável vida com míseros prantos. Morta, morta eu domine esse dia antes de o cumprir: nenhuma outra aflição supera a de privar-se da pátria.

Há um clamor por um casamento sem conflitos e pela Prudência, assim como um clamor pela casa do pai e pela sua cidadania, já que a vida sem essas prerrogativas seria uma vida que não vale a pena. Ter uma *patrís* é entendido como um meio de se ter recursos para que uma situação como a de Medéia não ocorra com as mulheres. Dessa maneira, podemos concluir que a cidadania é um elemento importante que, no entanto, não impede que as coríntias tenham uma relação de solidariedade com Medéia e, para além disso, apoiem os planos da amiga de se vingar desta terrível traição matando a princesa e o rei que governa Corinto, sua *pólis*. Um dos elementos mais importantes de coesão interna presente entre elas não diz respeito à cidadania (e a falta dela, como no caso de Medéia), mas sim sobre a condição de mulher-esposa que a personagem principal evoca em seu monólogo e nos diálogos que mantém com as coríntias. A solidariedade entre elas presente na tragédia é, como afirma Andrade, "mais forte que os

⁸⁹ Retomando a ideia já discutida anteriormente no texto, desenvolvida por Marta Mega de Andrade da *phília* como um elemento de solidariedade que permite a união entre iguais.

laços que prendem a mulher à casa paterna e a cidade ou à *pátria*⁹⁰. Diferentemente do que ocorre em *Lisístrata*, onde a relação inter-*pólis* impede que ocorra um nível alto de conectividade entre as esposas, em *Medéia* as mulheres formam uma rede na qual a cidadania não é um impedimento para que se desenvolva essa união.

Esse vínculo entre elas se estreita ainda mais após o encontro que Medéia tem com Egeu, um rei mítico de Atenas, no qual ele concorda em oferecer-lhe exílio pleno em troca dos conhecimentos de poções e de magia para que ele finalmente consiga produzir herdeiros. Esse estreitamento se dá através da evocação do que eu gostaria de denominar de uma "vingança plural", como poderemos observar nos seguintes versos:

MEDÉIA. (versos 764-771) Ó Zeus, Justiça de Zeus e Luz do Sol! Agora, amigas seremos vitoriosas sobre nossos inimigos e estamos a caminho; agora esperamos punir nossos inimigos. Este homem, quando ao máximo fadigamos, fez manifesto o porto de meus cuidados, a este porto amarraremos rizes da popa, ao irmos à urbe e à cidadela de Palas.

Ao garantir seu exílio seguro em Atenas, Medéia evoca sua vitória sobre os inimigos utilizando-se de uma forma no plural, levantando a ideia de que os inimigos são também inimigos das Coríntias e que a execução de seu plano de vingança trará vitória a todas elas. Esse elemento se conecta diretamente com fala do coro já discutida anteriormente (versos 418-420), na qual se exhibe um clamor a raça das mulheres. Assim, Medéia segue sua fala e explica como finalmente se dará a sua vingança: primeiramente irá pedir para que Jasão venha até ela, o persuadindo para que os filhos permaneçam em Corinto, e logo depois enviará os próprios filhos com um véu e uma coroa envenenados como forma de presentear a princesa de Corinto. Porém, Medéia decide matar os próprios filhos como forma de arruinar a casa de Jasão completamente, já que com a morte da princesa e de seus únicos filhos com Medéia, a continuidade de sua casa seria impossibilitada. Seu plano não é bem recebido pelas amigas coríntias como podemos analisar nos versos que se seguem:

CORO. (versos 811-813) Já que me comunicaste essa fala, eu querendo valer-te cuidando das leis humanas, proíbo-te agir assim.

MEDÉIA. (versos 814-815) Não há outro modo, mas compreende-se que fales assim: não sofreste o mal que sofri.

CORO. (verso 816) Mas ousarás matar teu fruto, ó mulher?

MEDÉIA. (verso 817) Assim mais será mordido o esposo.

CORO. (verso 818) Tu te tornarias misérrima mulher.

MEDÉIA. (versos 819-823) Seja! Supérfluas são as falas do meio. Eia, vamos! Vá e traz para cá Jasão! Em tudo recorreremos à confiança em ti, não digas nada de minhas intenções, se queres bem à Senhora e és mulher.

⁹⁰ ANDRADE, *op. cit.*, p. 69.

A repulsa pelo plano de cometer infanticídio nestes versos demonstra, para alguns autores como Helene P. Foley, uma quebra na relação entre Medéia e as coríntias, na qual a personagem principal não é mais entendida enquanto mulher e enquanto uma delas⁹¹. Se por um lado o coro se mostra totalmente contra o infanticídio, por outro lado ele é lembrado pela própria Medéia da relação de confiança mantida com ela através dos dois elementos principais de coesão interna nesta rede: tanto a *philia* ("Se queres bem à Senhora") quanto o pertencimento à raça das mulheres ("e és mulher"). É interessante observar que o silêncio pedido por ela às coríntias é atendido, por mais que o ato de matar os próprios filhos fosse extremamente condenável por se conflitar com a identidade de mãe que essas mulheres compartilhavam. De fato, o lamento é tamanho que as coríntias demonstram uma preocupação com o que ato tão vil faria à própria Medéia, como podemos observar na fala do coro após a personagem principal convencer Jasão e enviar os filhos com os adornos envenenados para a princesa, através dos versos "CORO (versos ANT-1001) Ó misera mãe, pranteio ainda a tua dor! Tu massacrarás os filhos por causa das núpcias contraídas por teu marido insolente com outra mulher, ao te deixar". Assim, observamos que mesmo se opondo aos planos de Medéia, o coro continua a sentir empatia por sua situação e pela extrema dor que passará após assassinar os próprios filhos.

Na medida que a princesa de Corinto recebe os presentes envenenados, Medéia parece recuar de sua decisão por determinado momento, refletindo sobre essa dor que causará a si própria e sobre a relação entre maternidade e a condição de mulher:

MEDÉIA. (versos 1030-1037) Em vão sofri e dilacerou-me sofrer a suportar no parto cruéis dores. A mísera então tinha esperanças muitas em vós: de nutri-la na velhice e de bem sepultá-la, quando morta. Cobiçam-no mortais. Agora o doce cuidado está perdido. Carente de ambos vós, minha vida será triste e dolorosa.

MEDÉIA. (versos 1042-1045) Aiaí! Que fazer? A coragem some, ó mulheres, quando vi o olhar límpido das crianças. Eu não poderia. Digo adeus às decisões anteriores, levarei meus filhos desta terra.

Assim podemos observar novamente como os elementos da criação dos filhos se entrelaçam com a condição de mulher-esposa, como, por exemplo, as dores do parto também mencionadas no principal monólogo de Medéia. Além disso, também se é mencionado a prática de sepultamento, uma parte importante da vida religiosa ateniense no período clássico. Seria esperado que Medéia recuasse em sua decisão, mas logo ela se mantém firme em matar os próprios filhos para que os seus inimigos sejam punidos e

⁹¹FOLEY, *op. cit.*, p.257.

para que nunca mais ela seja ultrajada, como vemos nos versos "MEDÉIA.(1059-1064)Ó Numes íferos sem-latência junto a Hades, nunca será de modo que eu permita aos inimigos ultrajar os meus filhos! É de todo necessário que morram; assim, nós os massacraremos, que os criamos." A personagem principal se nega a se deixar ser humilhada por seus inimigos, o que faz com que ela persista em seus planos. O interessante nestes versos é que novamente a forma plural é utilizada para se falar do infanticídio cometido pelas mãos daquelas que criaram os próprios filhos, como forma de justificar tal ato.

Após a chegada da notícia da morte da princesa e Creonte, rei de Corinto, o coro lamenta a morte da princesa e Medéia se põem a executar o restante de seu plano, como pode ser analisado no seguinte trecho da tragédia:

CORO. (versos 1231-1235) Parece que com justiça hoje o Nume amarra muitos males a Jasão. Ó coitada, como choramos teu infortúnio, filha de Creonte, que foste ao palácio de Hades, por causa das núpcias com Jasão!
 MEDÉIA. (1236-1239) Amigas, decidiu-se a ação o mais rápido: que eu mate os filhos e parta do país para que com demora não dê os filhos para outra mão inimiga massacrá-los.

As mulheres coríntias se mostram empáticas a morte da princesa, utilizando a palavra *kóre*⁹² para se referir a ela. Porém, anteriormente vimos que as coríntias não se colocaram opostas à ao propósito de Medéia de tirar a vida da jovem, o que nos leva a conclusão de que a relação das coríntias com a filha de Creonte seria extremamente diferente daquela que analisamos enquanto rede social com base na solidariedade entre coro e personagem principal. A relação de *phília* também se encontra ausente nestes versos, apresentando apenas uma lamentação ao destino cruel que a princesa teve ao ser a noiva de Jasão.

Por fim, ao chegar o momento mais decisivo da vingança de Medéia, ela entra no palácio e se põe a executar o homicídio dos próprios filhos. Ao lado de fora da casa, o coro lamenta o que está ocorrendo com as crianças e indaga se deve ou não impedir o crime de Medéia, como é visto no trecho "CORO.(1275-1276) Entrar no palácio? Decido impedir o massacre das crianças.". Porém, as mulheres coríntias permanecem fora da casa e Medéia retira a vida dos próprios filhos. O final da trama não é o esperado, já que mesmo cometendo um ato tão condenado e vil, a personagem principal não apenas não sofre uma punição por sua conduta como sai vitoriosa sobre seus inimigos. Medéia sai do palácio com os corpos dos filhos, confronta Jasão e expõe sua

⁹²Palavra grega que geralmente aparece como se referindo à mulher virgem ou filha.

ruína, e por fim foge de Corinto em uma carruagem alada cedida por Hélio, o deus do sol e avô de Medéia. Assim, de acordo com Michael X. Zelenak, "o final da peça se recusa a simplificar o conflito ou as questões levantadas. Em vez de curar a ferida social que ele expôs, Eurípedes joga ácido nela." ⁹³.

⁹³ ZELENAK, *op. cit.*, p.104.

Conclusão

Como foi discutido por nós na presente pesquisa, o campo de História das Mulheres tem uma relação intrínseca com a política em seus mais diversos âmbitos e sua trajetória dentro da academia tem um vínculo estreito com o movimento social das mulheres. De fato, a inserção das mulheres nas mais diferentes esferas ocasiona uma série de transformações em estruturas historicamente excludentes. Nas décadas de 1960 (nos Estados Unidos) e 1970 (na França), podemos observar o início da formação deste campo essa inserção das mulheres nas academias e também nas esferas de representação política. Este período é marcado pela então conhecida segunda onda feminista e pelas reivindicações das mulheres pela igualdade de gênero. Ao se voltarem para a História, estas ativistas e cientistas sociais se perguntavam onde estavam as mulheres e buscavam produzir pesquisas e estudos que dessem conta de responder esta questão.

Na História Antiga, neste primeiro momento, há a tendência de se investigar sobre o status de subordinação das mulheres na antiguidade grega e as formas com as quais elas conseguiam resistir a esta exclusão na *pólis*⁹⁴. Nas décadas de 80 e 90, o debate sobre gênero e sexo promove uma maior diversificação nas pesquisas, com questões como as diferenças corporais e a divisão sexual ganhando mais espaço. Os estudos da medicina hipocrática ganham maior destaque para se analisar os corpos feminino e masculino frente às novas ideias e conceitos deste período, embora pouco se tenha questionado sobre o paradigma da dominação masculina e exclusão das mulheres da vida pública.

Estes questionamentos começam a serem ressaltados nos trabalhos também deste mesmo período, porém voltados para interação interdisciplinar com a antropologia social e também com a psicanálise. Neste sentido, a dominação masculina começa a ser percebida enquanto discurso e pensamento político da *polis*, que se sustenta através da dicotomia entre feminino e masculino⁹⁵. Além disso, também são produzidos estudos que questionam a lógica entre público e privado, de forma que a máxima historiográfica sobre as mulheres atenienses que as estabelecia como complemento aos homens no *oikos* e submissas a eles na *pólis* é desconstruída⁹⁶.

⁹⁴ ANDRADE *op. cit.*, p. 3.

⁹⁵ LORAUX *op. cit.* p. 9- 13.

⁹⁶ Como já foi discutido em SOURVINOU-INWOOD *op. cit.* p. 1-7

Atualmente um dos debates importantes no campo de História das Mulheres voltada à antiguidade grega se refere à cidadania feminina e sua relação com práticas cotidianas que promovem sua coesão enquanto grupo. Essas questões se apresentam em diversas tragédias e comédias do período clássico ateniense, no qual podemos observar a alteridade e a relação com o *outro* que o feminino evoca nestas peças teatrais. Dessa forma, a proposta apresentada e discutida nesta pesquisa foi a análise da formação de um vínculo entre as mulheres em *Medéia* de Eurípedes.

Como foi apresentado no segundo capítulo da presente pesquisa, ao longo da tragédia *Medéia* estabelece uma relação de proximidade com as mulheres coríntias, o que faz com que elas simpatizem com a condição terrível em que a protagonista se encontra e concordem com a sua vingança. Ao observarmos os versos em que ocorrem os diálogos entre estas mulheres, há a utilização constante do termo *philaí*, traduzido para o português como "amigas". Esta relação de *phília* é entendida mais que uma relação de amizade, uma relação de solidariedade entre iguais e que promove uma coesão entre essas mulheres, mesmo que *Medéia* seja uma estrangeira⁹⁷. Outro elemento de coesão, discutido por nós, é a condição de mulher-esposa compartilhada por elas e que é referenciada por *Medéia* em seu monólogo principal (versos 225-266).

Estes elementos de coesão interna podem ser entendidos através da discussão sobre redes sociais informais presente no livro *O Feminino em Atenas*, de Fábio de Souza Lessa. Ao analisar as comédias *Thesmophórias* e *Lisístrata* o autor utiliza o conceito de *redes sociais informais*⁹⁸, elaborado pela antropóloga E. Bott, para entender a relação entre as mulheres presentes na peça. Deste modo, o autor defende o conceito de rede social como a formação de um conjunto de indivíduos em que eles mantêm contato com certo número de outras pessoas presentes nesse conjunto. Além disso, ao analisar *Lisístrata*, Lessa defende que, por seu caráter de rede social informal ser *inter-pólis*, não pode ser encontrado um nível alto de densidade interna. Esta alta densidade se daria quando há dois ou mais papéis sociais em ação, assim "apenas poderia ser encontrado internamente, ou seja, entre as esposas atenienses ou entre as espartanas."⁹⁹

Estes apontamentos nos geram algumas questões quando nos voltamos para a tragédia *Medéia*, já que não poderíamos falar de uma relação *inter-pólis*, na medida em que a personagem principal é caracterizada na peça enquanto estrangeira e *ápolis*, ou

⁹⁷ ANDRADE, Marta Mega de. *A Cidade das Mulheres: cidadania e alteridade feminina na Atenas Clássica*. Rio de Janeiro: LHIA-UFRJ, 2001. p. 62.

⁹⁸ BOTT, E. *Familia y Red Social*. Trad. R. Governado. Madrid: Taurus, 1990.

⁹⁹ Idem. p.174.

seja, sem cidade. Contudo, essa característica não impede que se desenvolvam os dois elementos de coesão entre ela por nós já discutido, a *philia* e a condição de mulher-esposa. Além disso, devido à forma como as mulheres coríntias vão à frente da casa de Medéia ao ouvir suas lamentações, é possível argumentar que além de amigas elas eram também vizinhas, ou que conviviam em espaços extremamente próximos.

Ao fim e ao cabo, podemos concluir que em *Medéia* é possível pensar a relação entre a personagem principal e o coro de mulheres coríntias como uma rede social informal de alta densidade, porém que não se baseia em uma cidadania compartilhada. Esta rede social estaria baseada em uma solidariedade¹⁰⁰ que extrapola a identidade de cidadã e que se mantém e se fortalece através da identidade de mulher-esposa.

¹⁰⁰ ANDRADE, *op. cit.*, p. 62.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Marta Mega de. *A Cidade das Mulheres: cidadania e alteridade feminina na Atenas Clássica*. Rio de Janeiro: LHIA-UFRJ, 2001.
- ANDRADE, M. M. . Nicole Loraux ou O Tempo do Anacronismo. Ca,pimas: no prelo, 2018 (Capitulo de Livro).
- ANDRADE, Marta Mega. *O Feminismo e a Questão do Espaço Político das Mulheres na Atenas Clássica*. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH. São Paulo, julho 2001.
- BOTT, E. *Familia y Red Social*. Trad. R. Governado. Madrid: Taurus, 1990.
- CANDIDO, Maria Regina. *Medéia, Mito e Magia: a imagem através do tempo*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ Fábrica do Livro/SENAI, 2006/2007.
- COHEN, D. Seclusion, Separation and the Status of Women in Classical Athens. *Greece and Rome*, v.36, p.1-15. 1989.
- FOLEY, Helene P. *Femeale Acts in Greek Tragedy*. Princeton University Press, 2001.
- KING, Helen. *Hippocrates' Woman: reading the female body in Ancient Greece*. Taylor & Francis e- Library, 2001.
- LAQUEUR, Thomas Walter. *Inventando o Sexo: o corpo e gênero dos gregos à Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LESSA, Fábio de Souza. *O Feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- LORAU, Nicole. *Las Experiencias de Tiresias (Lo Masculino y lo Feminino en el Mundo Griego)*. Barcelona: Acanalado, 2004.
- MIGUEL, Luis Felipe.; BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política: Uma Introdução*. 1º. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o Debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.
- PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- POMEROY, Sarah. *Goddesses, Whores, Wives, and Slaves: Women in Classical Antiquity*. New York: Shocken Books, 1975.
- SOURVINOU-INWOOD, Christiane. *Tragedy and Athenian Religion*. Lexington Books, 2003.
- SOURVINOU-INWOOD, Christiane. Male and female, public and private, ancient and modern. In: E. Reeder (ed.). *Pandora*. Princeton, Princeton University Press: 111-121.1 tradução de Heloísa C. de S. Carvalho; revisão Marta M. de Andrade; Labeca.
- SCOTT, Joan. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In: *The American Historical Review*, vol. 91, n. 5 (Dez. 1986) p. 1053-1075.
- SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- VERNANT, Jean-Pierre. Marriage. In: VERNANT, Jean-Pierre. *Myth and Society in Ancient Greece*. New York: Zone Books, 1996.
- ZELENAK, Michael X. *Gender and Politics in Greek Tragedy*. New York: Peter Lang, 1998.

Fonte

EURÍPEDES. *Medeia*. Tradução de JAA Torrano. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.